

Remanescentes de quilombos e suas manifestações literárias: da marginalidade ao reconhecimento identitário.

Mestrando Nerivaldo Alves Araújo¹ (UNEB)

Resumo:

No presente artigo, aborda-se a temática das narrativas literárias orais de remanescentes de quilombos, como instrumento fundamental de fortalecimento e divulgação da cultura “local”, pois estas se constituem em matéria prima basilar para a construção da sua identidade cultural. Destaca-se a importância das narrativas literárias (“causos”, lendas e contos populares) para o fortalecimento da identidade cultural desses povos historicamente excluídos e marginalizados, ressaltando-se que tais narrativas correm o risco de desaparecer por não haver uma política de valorização e de fortalecimento, uma vez que se encontram à margem dos cânones literários oficiais. Toma-se como exemplo, a realidade dos remanescentes de quilombos da localidade de “Mocambo dos Ventos”, situada às margens do Rio São Francisco, na divisa do município de Barra com o município de Xique-Xique, ambos no Estado da Bahia.

Palavras-chave: identidade cultural, manifestações literárias, remanescentes de quilombos, multiculturalismo, afrodescendente.

Introdução

A identidade cultural e seu conceito tornam-se, na modernidade, um campo de discussão de pertinência crescente na teoria social. Meihy (2005, p. 86) reforça tal afirmativa, quando diz que “modernamente, no mundo globalizado, novos problemas têm atingido a estabilidade do conceito de identidade, o que leva a duas alternativas possíveis: a ‘multiplicidade de identidades’ ou a ‘negociação de identidades’.” A identidade cultural vem sendo discutida a partir de uma visão democrática em que o processo de valorização das identidades locais é inegável. Nesse sentido, Bhabha (2003, p. 25) nos diz que “cada vez mais, as culturas ‘nacionais’ estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas.”

O processo de constituição identitária é dinâmico e está em permanente estado de transformação, uma vez que não se pode falar exclusivamente de homogeneidade cultural, já que o multiculturalismo é uma realidade na constituição histórico-cultural dos povos, especialmente do brasileiro. Santos (2005, p. 135) afirma que “sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação.” Assim, na busca pela memória cultural de um povo, faz-se necessário considerar as influências de diversas culturas, especialmente da cultura dos dominantes.

Considerando-se o fato da identidade estar sempre em construção, Meihy (2005, p. 82) informa que:

Modernamente, todos estamos submetidos a uma multiplicação de pólos possivelmente identitários, que, por sua vez, sofrem alterações dadas as influências das variações da cultura e as situações a que se submetem as pessoas.

Dessa forma, não é possível desconsiderar as influências culturais externas na definição identitária, porque o trabalho com as identidades, devido a essa multiplicidade de pólos e de fatores identitários presentes em uma única pessoa, torna-se de difícil precisão, uma vez que a identidade cultural consolida-se na diversidade. Hall (2000, p. 08) diz que:

O próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova.

Desse modo, convém citar aqui as palavras de Derrida, apud Bernd (2003, p. 21): “Uma identidade nunca é dada, recebida ou atingida; só permanece o processo interminável, indefinidamente fantasmático da identificação.” O que se tem notado é que a imobilidade no conceito de identidade já não se enquadra mais nos nossos dias, pois a questão da identidade cultural é um processo contínuo de identificação, que a cada momento se aprimora e se completa. Ainda nessa direção, Bernd (2003, p. 27) retoma as considerações de Derrida: “A identidade não é um alvo a ser atingido, mas algo que se vive na tensão, em uma permanente incompletude.”

Reforçando a idéia de incompletude na formação identitária, pode-se também trazer a afirmação de Bhabha (2003, p. 24):

Os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas, a transmissão consensual ou contígua de tradições históricas, ou comunidades étnicas “orgânicas” – *enquanto base de comparativismo cultural* –, estão em profundo processo de redefinição.

Com isso, entende-se que as manifestações culturais dos grupos marginalizados pela visão eurocêntrica estão assumindo um papel considerável ante o novo repensar da cultura nacional.

1 A Constituição identitária e as manifestações literárias

A realidade brasileira aponta em sua história para a valorização de uma cultura etnocêntrica, que negava a própria diversidade de um país multicultural. Hoje, tanto no Brasil como em outras nações, há um grande interesse pela busca das particularidades, e o senso de diferença vem se intensificando a cada momento. Não se pode deixar de ressaltar a afirmação de Meihy (2005, p. 83): “O estudo das identidades resgata o caráter humano da sociedade.” Diante de tal situação, torna-se mister salientar que tem havido uma crescente problematização das diferenças culturais e étnicas próprias do Brasil e que as múltiplas faces, desfavorecidas e suprimidas por uma visão hegemônica, tradicional, elitista e eurocêntrica, tendem a se descortinar, pois verdadeiramente desempenham um papel extremamente relevante na elaboração da consciência nacional.

Na formação da identidade cultural, grupos como os de remanescentes de quilombos passam a contribuir de maneira significativa para a constituição da identidade nacional. Não se pode considerar que, mesmo sendo grupos locais, esses remanescentes, assim como quaisquer outros grupos, sofrem interferências externas, isto é, não deixam de ter a marca da mestiçagem, devido à fusão de culturas. E assim também é a literatura nacional, construída a partir de todo um multiculturalismo. Santos (2005, p. 151) sintetiza a realidade da cultura nacional, versando sobre a cultura portuguesa, a qual, nesse aspecto, se aproxima da realidade cultural brasileira:

Assim, por um lado, a nossa cultura nunca se conseguiu diferenciar totalmente perante culturas exteriores, no que configurou um déficit de identidade pela diferenciação. Por outro lado, a nossa cultura manteve uma enorme heterogeneidade interna, no que configurou um déficit de identidade pela homogeneidade.

Ainda quando se discutem as identidades culturais, sob a influência de alguns aspectos da globalização, tem-se o conhecimento de que vem ocorrendo certa revolução na formação destas identidades. Hall (2000, p. 69) aponta três conseqüências que permitem o entendimento da situação:

* As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno” global. * As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização. * As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar.

Em se tratando ainda de identidade, é notório o diálogo dela com a representação, em especial, a literária. Como nos mostra Hall (2000, p. 48), “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.” Coadunando com estas considerações, Bernd (2003, p. 19) afirma que “a construção da identidade é indissociável da narrativa e conseqüentemente da literatura”. Desse modo, é através das manifestações literárias, inclusive as de cunho oral, que a identidade cultural se torna consistente e capaz de promover a sua auto-afirmação, uma vez que os textos literários expressam a identidade através das representações. Nesse sentido, Hall (2000, p. 71) argumenta que “a identidade está profundamente envolvida no processo de representação.”

Dentro dessa perspectiva, entende-se que as manifestações literárias tornam-se essenciais na consolidação da identidade cultural. Através das representações, a literatura fortalece a construção identitária de grupos colocados à margem por uma visão etnocêntrica, apoiada nos cânones literários seculares. As representações literárias produzem sentidos sobre a nação. Hall (2000, p. 51) nos mostra que “esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com o seu passado e imagens que delas são construídas.”

Ressalte-se, portanto, a literatura oral de grupos marginalizados (negros, indígenas, homossexuais, mulheres...) que não recebem o devido reconhecimento para a constituição da identidade nacional. Meihy (2005, p. 22) considera por literatura oral “todas as narrativas transmitidas oralmente e com estrutura de conto, poesia, ‘causos’ não escritos e mantidos na tradição popular.” Ainda para Meihy (2005, p. 22), “esse manancial se constitui em base da organização cultural de um grupo que, sem isso, não teria garantida parte relevante de sua identidade.” O acervo de narrativas literárias orais, como o dos grupos populares marginalizados, traz toda uma riqueza cultural capaz de representar seus traços identitários. Essas narrativas literárias conduzem ao entendimento da própria cultura popular.

2 A identidade cultural quilombola e a sua constituição

Sabe-se que a literatura negra brasileira, como afirma Bernd (2003, p. 18), “tem sua gênese no resgate de uma memória coletiva solapada pelo monologismo da historiografia oficial.” Percebe-se que a literatura como porta voz da cultura de um povo deve ser preservada, em especial nos grupos culturais marginalizados e desprovidos de registros escritos, como é o caso dos remanescentes de quilombos. Essas manifestações literárias orais são dependentes dos seus narradores e personagens, e servem de suporte à formação de uma identidade local e conseqüentemente de uma identidade nacional. Vieira (2003, p. 104) reforça a importância das histórias destas culturas marginalizadas, afirmando que “rejeitar ou marginalizar as histórias e as culturas daqueles que não representam o grupo dominante tem conseqüências profundas na expressão da subjetividade e da identidade.”

Pode-se, então, afirmar que a construção da identidade cultural quilombola apóia-se nas suas manifestações literárias, sendo estas o caminho para a consolidação de uma cultura afrodescendente reconhecida e respeitada, capaz de se sobressair da marginalidade¹ ao reconhecimento identitário, processo que se constituirá num elemento formador da cultura nacional brasileira. Convém ainda citar que as localidades quilombolas são num espaço de resistência e de preservação da identidade cultural afrodescendente.

As manifestações literárias orais dos remanescentes quilombolas constituem-se num instrumento fundamental de preservação e de divulgação da cultura local, pois nada mais são do que a matéria prima da própria identidade cultural. As narrativas literárias orais desses remanescentes correm, até mesmo, o risco de desaparecer por não haver uma política de valorização e de fortale-

¹ Entenda-se o termo “marginalidade” não como sinônimo de delinquência social, mas como espaço de fronteira, destinado a culturas desfavorecidas pelo cânone ocidental.

cimento, uma vez que se encontram à margem dos cânones literários oficiais. Nesse caso, a cultura local tende a ser incorporada por uma cultura universal, globalizada, embora a literatura quilombola constitua-se numa fundação identitária de grande significância na formação histórico-cultural brasileira. A riqueza literária dos remanescentes de quilombos necessita de registro escrito, gravações de áudio e de vídeo, a fim de que possa ser disponibilizada para um maior número de leitores, compartilhando conhecimentos sobre aspectos peculiares da oralidade afrodescendente.

Pode-se tomar como exemplo dessa discussão acerca do reconhecimento identitário de grupos marginalizados, um estudo ainda em desenvolvimento, sobre as narrativas literárias orais dos quilombolas, cuja identidade cultural tem sido negada historicamente por uma elite social que despreza e marginaliza. Tal estudo busca investigar a constituição da identidade cultural dos quilombolas da localidade de Mocambo dos Ventos² e margem ribeirinha do São Francisco, a partir das suas narrativas orais (“causos”, lendas e contos populares). Partindo-se da coleta dessas narrativas, propõe-se identificar e analisar as representações sociais identitárias e mostrar como se constrói o auto-reconhecimento dos quilombolas, a fim de se obter resposta ao questionamento: quais as histórias dos quilombolas da localidade de Mocambo dos Ventos, representadas em suas narrativas orais e como tais manifestações literárias favorecem a consolidação da sua memória cultural e da sua identidade?

Sabe-se que, em comunidades quilombolas como o Mocambo dos Ventos, existe uma produção literária oral, rica e significativa, capaz de narrar a sua história, de fazer aflorar a sua cultura, de contribuir para a consolidação da identidade local, até porque esta identidade, muitas vezes aparece negada pelo próprio afrodescendente, que apresenta resistência e dificuldade em se reconhecer como um descendente de escravos, devido a toda uma ideologia do embranquecimento instalada dentro desses grupos pela influência, principalmente da mídia televisiva através de suas novelas, programas e comerciais, contribuindo para a incorporação de hábitos e costumes da globalização hegemônica.

Esse estudo constitui-se numa “porta” capaz de fazer adentrar numa literatura fantástica de espaço misterioso e encantador como é o “Velho Chico”³, de personagens guerreiros e resistentes, mas fragilizados pela eminência da perda da sua maior força: a própria identidade. Também traz à pauta um embate cultural existente em nossa sociedade, proporcionando reflexões e busca de soluções para os problemas relacionados à temática da constituição identitária, dentre eles, a perda de identidade cultural local e a possível construção de uma identidade nacional infiel ao seu multiculturalismo.

Dessa forma, deve-se reconhecer que a “porta de entrada” para o reconhecimento identitário dos remanescentes de quilombos do Mocambo dos Ventos será trazer as suas narrativas orais das “margens” do Rio São Francisco para o conhecimento de todos. Através da análise de tais narrativas, pode-se traçar o perfil identitário do seu povo e assim retirá-los da “marginalidade” do “Velho Chico”, fazê-los viajar pelo seu leito, trazendo-nos a sua vida, o seu mundo, a sua história.

São muitos os elementos consideráveis na realidade do Mocambo dos Ventos, como, por exemplo a localização, o próprio Rio São Francisco, e a remanescente quilombola, os quais são capazes de lhes consolidar uma identidade particular. Identidade esta, cuja própria localização geográfica do lugar contribui para “soterrá-la”, pois a localidade está situada sobre dunas de areia, às margens do rio, que, no decorrer do tempo, têm se movido de lugar, fazendo com que as próprias construções sejam remanejadas. Hoje, vê-se próximo à localidade, o surgimento de um cemitério

² Localidade cuja população é formada por remanescentes quilombolas, embora ainda não seja reconhecida oficialmente pelo governo. Está situada às margens do Rio São Francisco no município de Barra, divisa com Xique-Xique, ambos no Estado da Bahia.

³ Nome pelo qual também é chamado o Rio São Francisco.

antigo, cujo deslocamento de tais dunas e erosão das margens do rio está revelando caixões, túmulos e ossadas. Com isso, vêm surgindo também novas histórias, novos personagens, que, embora não estejam mais vivos, podem ser tomados como referências pelos atuais moradores, possivelmente no resgate como personagens de suas narrativas literárias.

Conclusão

Portanto, a literatura é uma “porta” que permite às culturas periféricas como a de remanescentes de quilombos, adentrarem no espaço da cultura nacional, uma vez que, mesmo fazendo parte dessa cultura, não têm recebido o merecido tratamento. Para tanto, faz-se mister tomar um conhecimento maior das expressões literárias desses espaços, para que se possa fortalecer a identidade cultural desses povos historicamente excluídos e marginalizados. Assim, estaremos também fortalecendo a identidade da nação brasileira, a qual se fundamenta e se constitui no multiculturalismo.

Referências Bibliográficas

- [1] ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- [2] BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- [3] BERND, Zilá, Migozzi, Jacques (Orgs.) *Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- [4] BERND, Zilá e UTÉZA, Francis (org.). *Produção literária e identidades culturais: estudos de literatura comparada*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997.
- [5] BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- [6] BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- [7] CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Defel, 1990.
- [8] FIGUEIREDO, Eurídice. (org.). *Conceitos de identidade e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- [9] FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- [10] HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- [11] _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- [12] JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coord. e trad. de Luiz Costa Lima. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- [13] LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas, São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1996.
- [14] MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- [15] MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

- [16] ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- [17] QUILOMBOS DA BAHIA: filme documentário. Direção e roteiro: Antonio Olavo. Fotografia e câmera: João do Valle. Som: Jaime Reis. Produção executiva: Raimundo Bujão. Produção administrativa: Evandro Matos. Pesquisa de campo e fotografia de still: Luís Pereira. Assistente: Joaquim Coelho. Montagem: Antonio Olavo, Marcos Fias e Rogério Almeida. Salvador, Ba, 2005. NTSC, Color, duração 98 min.. Produzido por Portfolium Laboratório de Imagens. Patrocinado pela Petrobrás.
- [18] RETTENMAIER, Miguel *et al.* (orgs). *Leitura, identidade e patrimônio cultural*. Passo Fundo, 2004.
- [19] SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2005.
- [20] VIEIRA, Nelson H. Hibridismo e alteridade: estratégias para repensar a história literária. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Teoria da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

Autor

¹ **Nerivaldo ARAÚJO, Prof. Mestrando em Estudos de Linguagens**
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – Campus I – Salvador – Bahia
neriaraujo@hotmail.com